

AJ19930



Antiga fazenda Marulpe, a Bomba abriga hoje muitos edifícios

## Bomba ou Santa Luzia, um bairro dos mais antigos

“A Bomba já morreu, tem mais é que explodir”.

Pode parecer que quem diz essa frase não gosta de morar no bairro da Bomba, ou Santa Luzia, de acordo com o projeto do ex-vereador Arabelo do Rosário, um dos mais tradicionais de Vitória; é que o desejo sobre um destino para o bairro tem um significado geográfico, e nada a ver com a morte ou explosões. Isso porque, a Bomba, um dos mais antigos da cidade, é, hoje, pode-se dizer, muito mais um estado de espírito do que propriamente um bairro com sua geografia delimitada e o perfil dos moradores, definidos.

“A gente mora na Praia do Canto” — afirma Marina de Oliveira, porque o bairro da Bomba não existe mais, tem é que explodir mesmo.

### TRANSFORMAÇÕES

Não se trata, de alguém renegando o lugar onde vive há 30 anos. É que, com as transformações havidas na cidade — principalmente dos anos 60 para cá — o que era o tradicional bairro da Bomba mudou, e mudou muito. Antes, muito manguê, poucos habitantes e até uma próspera criação de cabritos; hoje, asfalto, prédios modernos e uma ou outra clínica veterinária.

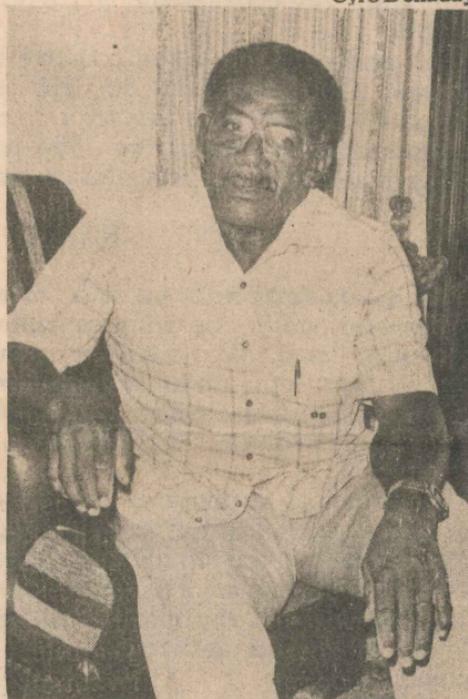
Isso fez com que os limites da Bomba não ficassem claramente marcados, surgindo então dúvidas como a de Marina de Oliveira, que vê a sua casa localizada em outro bairro.

Como a história do bairro se confunde com a história da própria Vitória, a Bomba não ficou imune nem aos movimentos de invasão de terrenos de mangues (a partir do final da década de 40, crescendo na de 50), nem ao surto industrial a partir dos anos 60, que alteraram não só a geografia, mas também o próprio perfil do morador.

Cícero Dantas dos Santos, de 69 anos, coronel da PM reformado, radialista, músico e piloto é do tempo em que, na Bomba, só existiam a Rádio Espírito Santo (instalada ali em 1933, justamente por ser um lugar ermo), o Orfanato Santa Luzia (onde é hoje a Emescam), e algumas casas — a maioria barracos — que ocupavam os atuais espaços pertencentes a Secretaria de Segurança, a Federação das Indústrias do Espírito Santo), além de outros.



Cyro Denaday



Coronel PM reformado Cícero Dantas

depois vendia a posse para outras pessoas de melhor poder aquisitivo”.

Com a mudança da legislação, os terrenos ficaram mais valorizados. O próprio Cícero Dantas comprou o terreno onde é hoje o Detran, na Reta da Penha, por um conto de réis (“pintei a torre da Rádio Espírito Santo por um conto e 200 réis), e vendeu cerca de dois anos depois por oito contos, o que foi um bom negócio, considerando-se que na ocasião (1945/1947) a inflação era mínima.

Depois, o terreno foi vendido a Lourival Nunes, que o revendeu ao ex-governador Jones dos Santos Neves, que, por sua vez, repassou para o Estado.

Hoje, o que era manguê virou asfalto, onde havia barraco existem prédios como o da Findes. Enfim, mudou a vocação do bairro e o seu estilo de vida. Mas nem por isso há nostálgicos radicais. Cícero Dantas, por exemplo, se lembra com prazer dos tempos antigos, mas prefere o

## ORIGEM DO NOME

Ele só não é da época em que surgiu e se consagrou o nome do bairro. Ao contrário do que pensa a maioria, o nome não vem da bomba de gasolina de um posto, dos primeiros da cidade, instalado perto da Ponte da Passagem, mas sim a uma bomba d'água movida por um catavento que existia próximo do atual Quartel da Polícia Militar de Maruípe (antes, era um pelotão de cavalaria), para abastecer a fazenda Maruípe na atual área do Centro Biomédico da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

“Quando eu vim morar aqui, a Reta da Penha era só mato, e só havia uma quitanda, do Nestor Camilo. Para a gente ficar sabendo das notícias do Brasil e do mundo, tinha que ir até o Centro, na Jerônimo Monteiro, ler os telegramas que eram afixados na porta dos jornais, que aliás só saíam de vez em quando.

Isso acontecia na década de 30. Porém, a partir do final dos anos 40, o ritmo do dia-a-dia começou a aumentar. Foi por causa das invasões dos imensos mangues, no início timidamente, mas logo aumentando. Nos anos 50, mais exatamente com a posse do governador Lacerda de Aguiar, o Chiquinho, as invasões passaram a ser feitas sem medo, porque o próprio Governo, se não incentivava diretamente, pelo menos nunca reprimiu.

## VALORIZAÇÃO

“No Governo de Chiquinho” — diz Cícero Dantas dos Santos — “o pessoal aprendeu a invadir, principalmente depois que a lei passou a permitir que se construísse aqui, o que antes era proibido. O povo invadiu, ocupava por algum tempo e

bairro atual, com todos os problemas que possa ter. Do antigo estilo de vida, ele conservou a casa de madeira, que, antes de ser uma excêntrica, é uma saudável maneira de viver nos tempos atuais em que o calor em Vitória tem sido muito grande.

Os problemas de hoje, de qualquer forma, podem ser resolvidos, bastando para isso a compreensão das autoridades. Os de antes, não, pois a falta de luz e de água encanada (a população usava a da bomba de Maruípe), por exemplo eram crônicos, e por isso a população era obrigada a conviver com eles.

O que não é o caso dos problemas atuais, como o do lixo, nos terrenos baldios, que para serem resolvidos bastaria que os caminhões da Prefeitura frequentassem mais as suas ruas.

Sem maiores vinculações com a Bomba do passado, o bairro hoje abriga em seu espaço um leque enorme de comércio, serviço e até setores do Poder Público, como o Detran, a Secretaria de Segurança, o Dec e o Decom. Tem também muitas oficinas, ferro-velho, várias auto-escolas, açougues, a escola de 1º Grau (particular) Monteiro Lobato, e até uma inusitada sociedade de cultura grega e a sede da pouco agradável — pra se ter como vizinha — sede da Associação das Agências Funerárias do Estado do Espírito Santo, além de uma Faculdade de Medicina, a Emescam.

A Bomba propriamente dita já não existe mais, também o bairro da Bomba, como lembram os seus moradores mais antigos, é hoje um aglomerado humano sem limites bem definidos. Por isso, moradores como Marina de Oliveira preferem se situar em outra geografia, o que faz com que o bairro da Bomba tradicional, como consequência da evolução da cidade, seja hoje realmente muito mais um estado de espírito do que um endereço postal.